

O sistema cultural negro-brasileiro como categoria filosófica

Carlindo Fausto Antônio*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-8229-6615>

RESUMO

A filosofia da ancestralidade se define, como Ciência, pelo seu objeto e pelo método. O objeto não é algo natural, ele pressupõe a mobilização de princípios estruturantes do sistema cultural negro-brasileiro e africano. O método ancestral, ao focalizar o entendimento do sistema, assegura a articulação conjunta dos princípios dinamizadores do sistema cultural negro-brasileiro e africano, que é o objeto e/ou categoria filosófica. Propomos, como motor do processo ancestral, que é um todo, a filosofia e a política, forças exúscas que alimentam e, sobretudo, movimentam restitutivamente tudo que há no mundo secular e igualmente no mundo transcendente. O modo de produção filosófico ancestral e o modo de produção restitutivo são o centro. Eles historicizam as bases imateriais e materiais que constituem o objeto da filosofia da ancestralidade. Assim concebida, na conclusão que afirma “Somos da Restituição”, a filosofia da ancestralidade possibilita o trânsito das palavras aos conceitos e dos conceitos às categorias de análise.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia da ancestralidade. Restituição. Sistema cultural. Modo de produção ancestral

El sistema cultural negro-brasileño como categoría filosófica

RESUMEN

La filosofía de la ascendencia se define, como Ciencia, por su objeto y método. El objeto no es algo natural, presupone la movilización de principios estructurantes del sistema cultural negro-brasileño y africano. El método ancestral, al centrarse en la comprensión del sistema, asegura la articulación conjunta de los principios rectores del sistema cultural negro-brasileño y africano, que es el objeto y/o categoría filosófica. Proponemos, como motor del proceso ancestral, que es un todo, la filosofía y la política, fuerzas exúscas que alimentan y, sobre todo, mueven restitutivamente todo lo que existe en el mundo secular e igualmente en el mundo trascendente. El modo de producción filosófico ancestral y el modo de producción restitutivo son el centro. Historizan las bases inmateriales y materiales que constituyen el objeto de la filosofía de la ascendencia. Así concebida, en la conclusión que afirma “Somos de la Restitución”, la filosofía de la ascendencia permite pasar de las palabras a los conceptos y de los conceptos a las categorías de análisis.

* É atualmente professor efetivo da UNILAB, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - São Francisco do Conde - Bahia. Foi professor efetivo, adjunto, da UFAM, Universidade Federal do Amazonas de 2009 a 2013. Atuou no Departamento de Artes Visuais (lotação no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia de Parintins). Possui graduação em Português e Literatura de Expressão em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1993) e em Pedagogia pela UNINOVE (2010), mestrado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1997) e doutorado em Teoria Literária e História da Literatura pela Universidade Estadual de Campinas (2005). É escritor e autor, entre outros, dos livros (prosa) Exumos, Vaníssima Senhora, Descalvado e Vinte Anos de Prosa; (poesia) Fala de Pedra e Pedra, Linhagem de Pedra, Outra Pessoa, Elegia de Descalvado e Vinte Anos de Poesia; (teatro) De que valem os portões, Arthur Bispo do Rosário, o Rei, Rutília e Estamira e Patuá de Palavras; (Infantil). E-mail: fausto_escritor@unilab.edu.br

PALABRAS-CLAVE

Filosofía de la ascendencia. Restitución. Sistema cultural. Modo de producción ancestral

1.O sistema cultural negro-brasileiro como categoria filosófica

A ciência se define pela existência de um objeto. É, validando o enunciado científico, a discussão do objeto que estabiliza um campo de conhecimento. Um objeto impõe e também pressupõe a existência de um método. O método é um arranjo ou caminho pelo qual transitamos epistemologicamente das palavras para os conceitos e dos conceitos para as categorias de análise. A filosofia da ancestralidade exige a discussão do seu objeto e do método. Anunciar a filosofia da ancestralidade não basta. É insuficiente o trabalho sem a discussão e o consequente entendimento do seu objeto e da sua natureza; o que implica num método. Em vários artigos, aulas e palestras, propomos que o objeto da filosofia da ancestralidade, como filosofia africana, é o complexo, milenar e sofisticado sistema cultural negro-africano.

A sistematização, alusiva ao objeto da filosofia da ancestralidade, pode ser visitada e confrontada com a leitura dos seguintes artigos: “*A escrita e a recepção de si: abismo engolfando o abismo*”, “A cultura negro-africana como chave hermenêutica para a distinção entre cultura negro-africana de projeção e de ressonância no meu teatro”, “Negras práticas pedagógicas e epistêmicas: a centralidade da autoexpressão negra nas artes cênicas e “Negras cenas, a ressonância ancestral na cena e no encenado” (ANTONIO, 2019a; 2017a; 2017b; 2023).

Na mesma senda teórica e no contínuo territorial, produzimos romances, contos, poemas e textos teatrais assentados na dinâmica do sistema cultural negro-brasileiro, na renovação dos conceitos e identificação dos princípios estruturantes desse sistema. É útil e tem valor pedagógico a leitura do romance *Exumos* e dos contos “Vaníssima Senhora”, “Descalvado”, “Si Ori” e “Árvore de Baobá” (ANTONIO, 2006). Também ilustram a relação com o sistema cultural negro-brasileiro, concebido como categoria filosófica, as obras teatrais *Arthur Bispo do Rosário, o Rei* e outras peças de Teatro negro-brasileiro (ANTONIO, 2020) e, na mesma margem, as obras poéticas *Patuá de palavras, o (in)verso negro e Ideopatuagramas* (ANTONIO, 2019b; 2022).

No transcorrer do artigo, na condição de sexta região do continente africano, utilizaremos a categoria sistema cultural negro brasileiro que, consubstanciado pela continuidade agasalhada pelo território como encruzilhada e/ou quadro de vida, é igualmente milenar. A continuidade África e Diáspora é balizada e, sobretudo, atualizada pela história que se define, no caso, pela luta sistemática contra a dominação, opressão e

poder eurocêntrico e racista. É também ponto de aproximação, no eixo de unidade na diversidade, a filosofia e a política. De modo exúsico, filosofia e política encruzilham o contínuo e dinâmico sistema cultural negro-africano, que é categoria filosófica, que pode ser entendida a partir do seu motor, dos seus princípios estruturantes, da natureza desse sistema cultural e dos currículos daí derivados em conformidade com as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

2.Como se define e funciona o sistema cultural negro brasileiro

A ancestralidade poderia, numa análise apressada, ser tomada como objeto desse campo filosófico. Ela não é o objeto, mas sim o seu princípio seminal e de retorno e contínua expansão. Como princípio, a ancestralidade não se antropomorfiza; o mesmo ocorre com Exu e os demais princípios que constituem, no todo, a ancestralidade.

A antropomorfização é apenas uma redução e pode impedir, de acordo com uma visão meramente projetiva e incompleta, a compreensão da natureza secular e cósmica do processo. Trata-se, a rigor, da inseparabilidade dos mundos e da unidade fundamental de toda existência. Na ótica nagô, o mundo secular é o espaço com limites; o ayiê, o transcendente, o orun, corresponde ao espaço sem limites. Na filosofia imantada pela parêntese Ubuntu e Muntu temos, com conceitos assemelhados, a mesma noção de unidade e de coexistência restituiva, que é a base fundante e fundamental da ancestralidade.

A ancestralidade não se antropomorfiza, no entanto, ela deve, a exemplo dos demais princípios que a configuram, ser historicizada e/ou objetivada no mundo secular. Avulta, desse modo, a necessidade de um método que parte do princípio reconstitutivo e se objetiva dinamicamente no sistema cultural negro-brasileiro que se dá, então, como objeto desse campo filosófico e instância social. O sistema cultural negro-brasileiro é, de um lado, instância social e, de outro, objeto filosófico. Podemos nos referir ao sistema cultural negro-brasileiro como totalidade que é, exusicamente, ativada e renovada pela filosofia e pela política entendida como modo de produção reconstitutivo. Vale acompanhar o que diz, sabiamente e de modo ressonante, fragmento que transita da palavra *Ebó* para o conceito e do conceito para a categoria reconstitutiva. Dentro desta perspectiva:

[...] na cultura nagô, o sacrifício é uma operação imprescindível: a oferenda (ebó), transportado por Exu, dinamiza a relação entre vivos e ancestrais ou princípios cósmicos (os orixás), reequilibrando ou reparando o círculo coletivo das trocas e, assim, permitindo a expansão do grupo. O sacrifício implica no extermínio simbólico da acumulação e num movimento de redistribuição (princípio, portanto, visceralmente antitético ao do capital). No período clássico da acumulação do capital no ocidente, homem íntegro era

o que se integrava na ética de produção e de acumulação. Para melhor caracterizar a oposição nagô, se poderia dizer que nagô íntegro é o que restitui, o que devolve. O que simbolicamente não deixa resto (SODRÉ, 1988, p.128).

A chamada cultura negra e africana, no singular e sem adjetivação fixada pelos lugares e restituição, é, quase que invariavelmente circunscrita ao domínio da música, canto e dança. Assim concebida, a chamada cultura negra e africana fica nos domínios superficiais das projeções. A cultura negra de projeção não dá o salto ou saque do canto, dança e música ao modo de produção filosófico e de produção da existência. A noção de sistema cultural inclui música, canto, dança, ciência, tecnologia, arquitetura, engenhos diversos, processos civilizatórios, linguísticos, educativos formais e não formais e tantos outros artefatos culturais, sociais e imateriais, que são ativados, impulsionados e renovados pelos motores filosóficos e políticos. O motor do processo é sempre alento, sopro e dínamo exusístico.

3.O que assegura a existência do sistema cultural negro brasileiro como modo de produção ancestral?

Ela existe quando a cultura de projeção é transformada em cultura negra de ressonância ancestral. Numa síntese, o sistema cultural negro brasileiro se historiciza, como instância social, através dos motores restitutivos e filosóficos. São as existências concretas asseguradas pelo modo de produção ancestral, restitutivo, avesso ao acúmulo e dele espelhado a existência sistêmica, como categoria filosófica, que revela a natureza ressonante do sistema. Deriva, na contramão da cultura negra de projeção, a cultura negra de ressonância ancestral. Não custa reafirmar que o caráter projetivo, canto, dança e música, é um dado parcial da chamada cultura negra e, portanto, distante do sistema cultural negro-brasileiro, que é totalidade ressoante da ancestralidade.

4.Como funcionam os princípios constituidores da ancestralidade?

O primeiro princípio que exige releitura e renovação é o da ancestralidade, que não se limita à herança de sangue e espiritual. Ancestralidade é, relevando o método restitutivo, categoria fundamental para a historicização de um determinado modo de produção filosófica e da existência. O princípio ancestral é ponto inaugural, no espaço sem limites, e de expansão, no mundo secular, do sistema cultural negro-brasileiro.

A natureza dos princípios permite, a rigor, o entendimento do sistema cultural negro-brasileiro. A ancestralidade, fora do mundo secular e epistêmico, é uma pulsação, vibração e, portanto, uma abstração.

Tal como ocorre com a chamada cultura negra e/ou africana, que metodologicamente são, no artigo, elevadas à categoria de sistema cultural, os princípios constituidores da ancestralidade também se dão, à guisa de conceitos e chaves interpretativas, como um sistema. A indagação fundamental é a seguinte: como se objetivam, presentes no mundo sem limites, os legados dos mais velhos e da vibração e/ou energia ancestral na sociedade e no contexto socioespacial?

O equilíbrio das trocas, ponto nuclear do Ebó e do nexu repositivo, pressupõe a unidade fundamental da existência, a natureza cíclica da existência e a correspondência do gênero humano, como microuniverso, com o macro universo. A teia ou cadeia de elos é, primeiro, uma corrente contínua de energia circulada exusisticamente e, segundo, o movimento revela que o trânsito é feito por um tubo cósmico, a encruzilhada, que é transitada por pessoas, energias e linguagens, que são, como motores, Exu. Por equivalência com o que transporta, a encruzilhada se institui igualmente como lugar, conceito e chave interpretativa. É nela e por ela que a circularidade se institui, além da forma circular, como princípio que historiciza o equilíbrio das trocas. Então, sentar em círculo, a mera forma circular e projetiva não basta.

Há necessidade de ativação da ressonância ancestral e/ou da unidade fundamental de toda a existência. É o que aprendemos com a parilha indissociável Ubuntu e Muntu, cuja noção filosófica pode ser apreendida pela inseparabilidade das pessoas e dos ancestrais. A oralidade é o princípio que executa, a exemplo do som percutido, o trabalho da voz imantada. Pelo exposto, fica assegurada a memória ancestral encapsulada pela ótica pessoal e coletiva. Na circulação revitalizadora da restituição, existe o princípio de expansão das trocas estabelecidas e estabilizadas pelo sistema na sua totalidade.

5. Conclusão: somos da restituição

Dizer que somos da restituição pressupõe o entendimento do Ebó, além da palavra denotativa que, desse modo, se estabiliza primeiro como conceito e, num segundo acúmulo, como categoria filosófica e, assim e no nexu dos significados, da categoria filosófica ao modo de produção ancestral.

É fundamental, no que concerne ao lugar de Exu, como princípio, estudar o que sistematizou o livro *Os Nagô e a Morte e Exu, um princípio dinâmico* (SANTOS, 1998;

2014). Não há processo reconstitutivo sem a totalidade do sistema ancestral. Na operação, Exu, como movimento, chave interpretativa e linguagem do mundo secular e do transcendente, exerce o papel de motor, que coloca o sistema em funcionamento.

Movimento, chave interpretativa e linguagem inaugural e de renovação estão contidos na leitura do romance *Exumos*. Na leitura, a estudiosa, relevando a presença de Exu esculpido na palavra *Exumos* e no significado dinâmico da sua presença como linguagem no texto, afirma que é “a palavra em busca do momento inaugural do ser” (COELHO, 2006; 2013).

Considerando que Exu, como princípio, não se antropomorfiza, são motores exúsicos, ativadores da totalidade do sistema ancestral, a filosofia e a política, sinônimo de modo da produção ancestral e/ou reconstitutivo. Exu é princípio e, sendo dessa natureza, não deve ser reduzido ao aspecto projetivo das incorporações. Sendo linguagem, movimento, ritmo, chave hermenêutica, ele atua na relação e/ou circulação de todos os processos intercambiáveis, quaisquer que sejam. É indispensável, para aprofundar a compreensão de Exu como chave hermenêutica, a leitura do livro *A cena em sombra* (MARTINS, 1995)

A ancestralidade, a partir do motor exúsico, se historiciza pelos processos de restituição dos significados, a filosofia, e do significante material, a política. É desse modo que encruzilhamos as trocas. Trata-se da encruzilhada como lugar de trânsito e, fundamentalmente, conceito. Não é por outra razão que consideramos a encruzilhada como sinônimo de território usado e/ou praticado. O processo exúsico está em tudo; na encruzilhada, corrente de relações, igualmente.

Referências

ANTONIO, Carlindo Fausto. Negras Cenas, a ressonância ancestral na cena e no encenado. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras** São Francisco do Conde (BA), vol. 3, nº1, p. 28-50, jan.-jun. 2023.

_____. **Arthur Bispo do Rosário, o Rei e outras peças de Teatro negro-brasileiro**. São Paulo: Editora Ciclo Contínuo, 2020.

_____. A escrita e a recepção de si: abismo olhando abismo. **Revista Limiar Pós-Graduação da PUCC, Campinas-SP**, vol. 2, p.141-152, 2019a.

_____. **Patuá de palavras, o (in)verso negro, poesia visual**. Londrina: Galileu Edições, 2019b.

_____. **Ideopatuagramas, poesia visual**. Londrina: Galileu Edições, 2022.

_____. **Arthur Bispo do Rosário, o Rei, teatro**. Londrina: Galileu Edições, 2019c.

_____. A cultura negro-africana como chave hermenêutica e conceito para a distinção entre cultura negro-africana de projeção e de ressonância no meu teatro. In: SILVA, Geranilde Costa (Org.). **Ensino, pesquisa e extensão na UNILAB**: caminhos e perspectiva. Fortaleza: Expressão Gráfica, v. 2, p. 107-120, 2017a.

_____. Negras práticas pedagógicas e epistêmicas: A centralidade da autoexpressão negra nas artes cênicas. **Revista de Humanidades e Letras**, vol. 3, Nº.1, p. 1-21, 2017b.

_____. **Vinte Anos de Prosa**. Campinas: Arte Literária, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. Prefácio. In: ANTONIO, Carlindo Fausto (Org.). **Vinte Anos de Prosa**. Campinas: Arte Literária, p.1-10, 2006.

_____. **Escritores Brasileiros do Século XX**: Um Testamento Crítico. Taubaté: Letra Selvagem, 2013.

MARTINS, Leda Maria. **A Cena em Sombras**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte**. 5. Ed., Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Exu, um princípio dinâmico. Entrevista concedida a Marcos Dias. Jornal **A Tarde**, Salvador, 05 de novembro de 2014. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/cultura/1636803-exu-um-principio-dinamico>.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.



Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025

Para citar este texto (ABNT): ANTONIO, Carlindo Fausto. O sistema cultural negro-brasileiro como categoria filosófica. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol 5, nº 2, p.264-270, jul./dez. 2025.

Para citar este texto (APA): Antônio, Carlindo Fausto (jul./dez. 2025). O sistema cultural negro-brasileiro como categoria filosófica. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 264-270.